

Vilém Flusser

Uróboros

(para Milton Vargas)

Urge escrever a história da literatura, porque esta parece querer esgotar-se. O termo “literatura” significa “conjunto de letras” e, se não mais existirem letras, nada mais poderá ser escrito, apenas imaginado ou calculado. Mas há o seguinte problema: se escrevo a história da literatura, produzo conjunto de letras, logo, faço literatura. De modo que quem escreve a história da literatura até o seu fim está produzindo uróboros, as serpentes que comem os seus próprios rabos.

Há 3.500 anos alguns proto-judeus propuseram que signos significando certas palavras significassem doravante o primeiro som de tais palavras. Assim o signo significando “touro” (alef) significaria doravante “a”, e o signo significando “casa” (beth), doravante “b”. Tal proposta, aceita por pequeno grupo de comerciantes e sacerdotes, transformou 26 signos em letras. 26 é número modesto: não parece ser difícil processar conjunto tão limitado. No entanto: letras são tipos e podem ser estereotipadas. Os 26 tipos de letras podem se multiplicar estereotipicamente e invadir a cena. Sua distribuição continentais afora não é uniforme. Os “e” e “a” são freqüentes, mas os “y” e “w” são mais raros. Calcular a freqüência da distribuição de letras é crítica literária quantificada. Mas o método tem seu limite: literatura não é resultado de processamento aleatório de letras, mas obedece a regras (pense-se no célebre bilhão de chimpanzés que casualmente produziriam a *Divina Comédia*, e pense-se nos *word processors*).

Literatura é a técnica que transcodifica línguas do auditivo para o visual, porque os proto-judeus não dispunham ainda nem de fitas magnéticas nem de discos. Isto obriga os processadores (letrados) a ater-se às regras da língua que estão transcodificando. Isto é: à gramática, à semântica, ao ritmo e à melodia. Isto por sua vez gera novas regras, as da ortografia. De modo que processar letras é jogo ordenado e resulta em conjuntos ordenados de letras: “textos” (tecidos de letras). No início havia poucos textos, mas eles se multiplicam rapidamente. Todo texto pode produzir outro em cadeia. Todo texto pode subdividir-se em textos independentes. Todo texto pode cruzar-se com não importa que outro texto e criar híbridos e monstros. Os vários fios dos textos podem sobrepor-se uns aos outros. A teia de textos é pegajosa em vários níveis. No interior de cada texto as letras são coladas umas contra as outras pelas regras, e cada texto é colado a outros próximos ou distantes por fios conscientes ou inconscientes. A enchente de textos vai invadindo a superfície terrestre em todas as direções possíveis. Vai se derramando por visualizar línguas mais e mais numerosas, e por misturar tais línguas. Vai se derramando por absorver todas as

regiões do pensamento, do sentimento e da ação ao transcodificá-las em letras. Vai subindo por codificar os pensamentos mais sutis, e vai descendo por abranger os pensamentos mais vulgares. O papel impresso vai inundar todos os cantos do espaço público e privado, vai desfolhando as florestas e desertificando as terras, e correnteza ininterrupta de esperma vai se derramando dos órgãos masculinos da humanidade para os órgãos femininos, para lá criar futuros bilhões de processadores de letras. Doravante somos incapazes de formularmos pensamento próprio: devemos todos os nossos pensamentos a textos, inclusive a textos nem sequer armazenados na nossa memória individual ou coletiva. Somos presa da teia da literatura, e esperneamos em vão para nos libertarmos dos seus fios pegajosos. Somos moscas.

A história é absurda. O propósito da comunicação humana é o de transmitir informação adquirida (em aparente oposição ao Segundo Princípio e à Lei de Mendel). Ora, isto é viável apenas se o receptor for capaz de recuperar a informação transmitida. Na teia da literatura tal recuperação se tornou inviável. Possivelmente a informação que procuro se acha em texto armênio do século 13, mas não posso recuperá-la. Até livraria relativamente modesta é caos organizado, e estou obrigado a recuperar mais ou menos cegamente o que desejo dali de dentro. Transmitir informação adquirida é tentar vencer a entropia e a biologia. Engajar-se em literatura implica engajar-se na imortalidade. Se a informação se torna irre recuperável, tal engajamento se torna absurdo.

Gente interessada em conhecimento não recorre mais a letras: usa cifras. Gente interessada em informações sensacionais não usa mais letras: usa imagens eletromagnéticas geradas numericamente. Gente interessada em conservar mensagens sonoras não usa mais letras: usa discos, fitas, disquetes. Letras, além de vítimas de inflação perniciosa, se tornaram redundantes. Fim da literatura. E eis que surgem os hipertextos.

Pega-se texto (não importa qual) e constroem-se vários andares debaixo. Façam-se escadas entre os andares e janelas que permitam olhar para dentro e juntar por dentro. Calcule-se tudo isto e se dê a um computador barato qualquer (por exemplo, um apple). O que acontece é isto: o texto diz (inadvertidamente) “odi et amo”. O andar debaixo mostra a poesia de Ovídio como fonte disto. O segundo andar mostra a lista das obras de Ovídio e da poesia augustiniana. De lá os fios bifurcam. Um leva a um andar contendo a história do Império Romano. Outro leva à lingüística e à origem das línguas indo-européias. Outro leva à origem da literatura provençal a partir da literatura latina, árabe ou judia. O princípio é que os fios da literatura se colem entre si e formem teia. O hipertexto são dois dedos que pegam na teia em não importa que lugar e recuperam tudo. Tudo: não apenas a literatura passada, também aquela que ainda não foi escrita. Porque as janelas permitem juntar não importa que texto novo.

O problema é calculável: será o conjunto das letras maior ou menor do que o universo? Não importa, hipertextos podem ser modestos: basta serem um milhão de vezes maiores do que a maior biblioteca do mundo. Pelo efeito da bola de neve, eles crescem automaticamente. São autogeradores e entredevoradores. Acabaremos tendo um único hipertexto contendo todos os outros, e todos os textos se tornarão pretextos para hipertextos. As letras, crucificadas pelas cifras e pelas imagens, ressurgem na forma de hipertextos. Estamos perdidos. E o presente texto (que não se quer pretexto de hipertexto) acaba de comer sua própria cauda.